

QUESTÕES TEÓRICAS EXPRESSAM RIQUEZA E POBREZA NO DEBATE EPISTEMOLÓGICO DO FENÔMENO TURÍSTICO

Uma ciência em construção

João dos Santos Filho*

Tal era o homem de ciência. Mas não constituía, por muito que fosse a metade do homem. **Para Marx a ciência era uma força histórica motriz de uma força (sic) revolucionária.** Por mais puro que fosse o prazer que oferecesse uma nova descoberta feita em qualquer ciência teórica e cuja aplicação prática talvez não pudesse ser ainda prevista de modo algum, era outro o prazer que experimentava quando se tratava de uma descoberta capaz de exercer imediatamente uma influência revolucionadora (sic) na indústria e no desenvolvimento histórico em geral. (MARX e ENGELS, s.d: 351-2) (grifo nosso)

Apenas conhecemos uma ciência, a da história. Esta pode ser examinada sob dois aspectos; podemos dividi-la em história da natureza e história dos homens. Porém esses dois aspectos não são separáveis; condicionar-se-ão reciprocamente. (MARX, 1976, p. 18) (grifo nosso)

COMENTÁRIOS INICIAIS

Os centros de estudos e investigação sobre o fenômeno do turismo, e a produção bibliográfica existente sobre o assunto demonstram que os mesmos estão marcados pela matriz do positivismo, traduzida nas correntes sociológicas do funcionalismo e do estruturalismo. Com isso, constatamos também, que o conjunto epistemológico do turismo esta sustentado pelo edifício conceitual do neopositivismo, com assim afirma com muita lucidez o filósofo George Lukács:

Se analisássemos bem as constantes teóricas dos grupos dirigentes políticos, militares e econômicos de nosso tempo, descobriríamos (sic) que elas – consciente ou inconscientemente – são determinadas por métodos de pensamento neopositivista. (LUKÁCS, 1978: 2)

* Bacharel em Turismo pelo Centro Universitário Ibero-Americano de São Paulo (Unibero) e bacharel em Ciências Sociais pela PUC/SP. Mestre em Educação: História e Filosofia da Educação pela PUC/SP. Professor-convidado na Facultad de Filosofia e Letras da Universidad Nacional de Heredia (UNA), em San José da Costa Rica. Professor concursado pela Universidade Estadual de Maringá. Autor do livro “Ontologia do turismo: estudo de suas causas primeiras” EDUSC, Universidade de Caxias do Sul. E-mail joaofilho@onda.com.br

Há uma tendência hegemônica teórico-filosófica em trabalhar o fenômeno do turismo no campo “de negação às contradições”, fora do movimento histórico, isto é, acima das contradições inerentes da sociedade capitalista. Busca-se o campo da funcionalidade integrativa do equilíbrio e harmonia entre as relações sociais, ou ainda, trabalham o turismo como algo circunscrito em espaços geográficos e estruturas organizacionais que se especificam como modelos de gestão administrativa.

As leituras produzidas sobre o fenômeno turístico demonstram uma forte tendência na reprodução de um discurso repetitivo, alienante e descolado da realidade econômica, política e histórica brasileira. O qual é substituído por um estrangeirismo etnocêntrico inculcado por meio de uma historiografia globalizada e determinante como explicativa do fenômeno turístico.

Segundo o professor Helton Ricardo Ouriques em seu livro, “A produção do turismo: fetichismo e dependência”. Comenta este mesmo fato, fazendo as seguintes afirmações:

- a. o predomínio de modelos analíticos que não tentam verificar a complexidade de um tema;
- b. a ausência de busca da compreensão das controvérsias científicas sobre o tema;
- c. a massificação de um discurso dominante, ideologicamente pró-turístico, absorvido sem nenhuma análise em pesquisas acadêmicas;
- d. por fim, revela a produção desses “paradigmas” dominante e não a produção de novos conhecimentos sobre o tema do turismo. (OURIQUES, 2005: 69 e 70)

Ampliando as referências de Ouriques podemos acrescentar que as predominâncias dos modelos analíticos se dão dentro dos princípios positivistas, os dados empíricos são supervalorizados no estudo do contato humano, que incessantemente busca entender as quantificações das relações de fraternidade e solidariedade entre as pessoas. Na luta por respostas lógicas tenta explicar e intervir no mundo físico buscando apreender à regularidade e constância, que acredita existir entre os fatos sociais.

Essa singularidade axiomática se exprime na essência do método funcionalista e esta presente na epistemologia do turismo, que está preparado para estudar objetos com alto grau de estabilidade e permanência, portanto, dando a sensação de poder explicar o fenômeno social dentro das ciências biológicas e físicas. Segundo o sociólogo Florestan Fernandes o funcionalismo:

É uma análise que tem por objeto descobrir e interpretar as conexões que se estabelecem quando unidades do sistema social concorrem, com sua atividade, para manter ou alterar as adaptações, ajustamentos e controles sociais de que dependem a integração e a continuidade do sistema social em seus componentes nucleares ou como um todo.
(FERNANDES, 1978: 281-2)

O funcionalismo teve sua ampla aceitação junto à antropologia e seus estudos etnológicos, estendendo-se para as outras ciências, cujo objetivo, é captar as regras explicativas e as funções do cotidiano de uma sociedade ou grupo social. Essa obsessão em querer descobrir as regularidades, e a função dos fatos sociais está ligado à necessidade de eliminar (negar) as conexões causais, para que a idéia de estabilidade se explicita em sua plenitude.

A leitura do turismo feita dentro do funcionalismo acaba atendendo aos interesses do Capital, para sua reprodução, sendo que, mercadologicamente ela serve à empregabilidade e ao mito da competência, como saídas para a idéia fascista do empreendedorismo.¹

O fenômeno turístico se apresenta como possível de ser realizado dentro do conceito de sustentabilidade, ou seja, o turismo sustentável adquire uma qualificação metafísica e existencialista que o torna ideologicamente capaz de salvar o capitalismo

¹ Existe uma processualidade histórica explicativa para o aparecimento hegemônico do conceito de empreendedorismo no âmbito da economia neoliberal que acaba contaminando toda e qualquer relação social. Essa ideologia empreendedora ganha corpo e espaço dentro do sistema econômico mundial em razão da cristalização de um *modus-operantis* do *capital*; desemprego estrutural e crônico em decorrência dos fatores de avanço tecnológico no campo da informação, telecomunicações e do gerenciamento, que acabam suprimindo empregos no conjunto das diferentes cadeias produtivas. Com isso, a classe operária vê enfraquecer a luta de classe; depara-se com o fim do emprego, o que a leva ter como única “opção” o estabelecimento de um negócio próprio. Na verdade esse “falso” avanço do conceito de empreendedorismo nos países da América – Latina e especificamente no Brasil é resultado da crise econômica e política do *capital* e não como diz Schumpeter do poder inovador do homem em criar coisas novas para o desenvolvimento da economia. Assim, o desenvolvimento e modismo do empreendedorismo ressurgem como elemento salvatério da sociedade contemporânea, pois é reflexo da crise do *capital* na qual leva o indivíduo a se aventurar a ser empresário, por impossibilidade de ser assalariado.

de sua crise. Mais uma vez, o método funcionalista ajuda a formação de uma epistemologia do turismo, pois ao destacar o *status-quo* da regularidade e a busca no entendimento das funções de cada instituição, esta se afastando das contradições para salientar o equilíbrio e a funcionalidade do turismo como atividade econômica.

Essa interpretação funcionalista do turismo atende basicamente aos interesses de sua expansão no conjunto da lógica do Capital, pois coloca as contradições de sua sustentabilidade em suspensão e aproveita a origem do conceito (meio ambiente). Na qual segundo eles, existe a possibilidade de se conseguir uma sustentabilidade rentável e não predatória.

Entretanto, quando esta sustentabilidade que era de origem “ecológica” é translada para o turismo, explicita um processo ligado ao acúmulo de capital em que os interesses do capitalismo são hegemônicos e obedece a lógica de mercado. O turismo entendido pelo método funcionalista transmite a idéia de ser um fenômeno que se explicita dentro das premissas do funcionamento harmônico e equilibrado.

Porque este é um fenômeno que integra e propaga a idéia de paz e harmonia entre os homens, insinuando ideologicamente a noção de desenvolvimento e progresso para a sociedade, sem ocasionar traumas e rupturas com a população nativa. Para contrapor aqueles que adotam a leitura do método funcionalista para entender o turismo, Ouriques escreve:

A ideologia do turismo, ao reservar à periferia em geral e ao Brasil em particular a função de servirem de “colônia de férias” dos habitantes dos países centrais, acaba reforçando a máxima da disponibilidade colonial: de que existimos para satisfazer as necessidades metropolitanas, agora como “museus vivos”, serviços, paisagens maravilhosas e fontes de prazer sexual. É por isso que o turismo é uma forma de fetichismo e de dependência.
(OURIQUES, 2005: 141)

O turismo surge então, como sendo, capaz de trazer de volta o equilíbrio e harmonia perdida da sociedade capitalista, adquirindo a característica de poderes

salvatérios². E por isso, o método funcionalista é aquele mais “adequado” a entender o fenômeno turístico dentro da perspectiva do mercado, e não do turista ou do nativo.

O interesse para que o fenômeno turístico seja visto, dentro da visão positivista – funcionalista, decorre do fato deste método entender que a sociedade apresenta-se em estado de equilíbrio e congelamento, em razão da divisão social do trabalho ser resultado de uma “solidariedade” que se constroem entre as classes sociais parceiras, pois todos desejam atingir o progresso e o desenvolvimento.

A contradição é tida como uma patologia, que pode ser resolvida com uma nova regra social, retomando ao equilíbrio e a harmonia do sistema. Assim, o turismo mercadoria para ser implantado na lógica dos interesses globais recusa as contradições estruturais, e adota a posição metafísica e fenomenológica de abraçar a realidade segundo os interesses do Capital.

Nesta concepção, o turismo vê garantido seus interesses mercadológicos e perde de fato qualquer interesse de turismo sustentável, de equilíbrio, harmônico para dar lugar aos interesses de mercado.

Na verdade o método funcionalista, apesar de sua essencialidade como capaz de descrever o cotidiano dos fatos sociais e, portanto, em muitos casos ser adequado para produzir belíssimas análises da realidade. Possui limitações, quanto a perceber a dinâmica histórica da sociedade e suas contradições, por isso a leitura do turismo se adapta a uma visão conformista e estática.

O estruturalismo na pessoa de Max Weber desenvolveu a concepção lógica do tipo ideal, em que os conceitos são uma construção *a priori* decorrente do modelo estrutural proposto e racionalmente construído. É com essa visão, que o turismo faz a leitura dos megaempreendimentos, como modelos infalíveis de “sucesso” os *Resorts*.

O método de leitura do fenômeno turístico vai ser o estruturalismo também, pois separa a historia das relações causais e cuida do tipo ideal construído mentalmente. Exemplo é o livro do professor Carlos Mário Beni. *Análise Estrutural do Turismo*, publicado pelo SENAC.

Apesar da tendência epistemológica apresentadas pelos dois métodos, os mesmos atuam de forma distinta e fazem a leitura do turismo em campos diferentes,

² Como se o fenômeno turístico possuem-se poder providencial, para resolver questões terrenas e que a harmonia e equilíbrio imperam diante dos interesses do Capital e resolvam suas contradições.

entretanto “As duas teorias expostas apresentam em comum a mesma tendência a eliminar do campo da análise a pretensão de compreender a realidade social como algo *concreto*” (Fernandes, 1978, p. 96).

O professor Florestan Fernandes esta se referindo ao conceito de **concreto** usado por Marx em seu artigo “Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; o rendimento e suas fontes: a economia vulgar”. Em que trabalha de forma comparativa o método Positivista e o método do Materialismo histórico.

O método funcionalista e estruturalista são instrumentos fundamentais para o entendimento da realidade e produziram estudos primorosos sobre o homem e a sociedade. Com um arcabouço teórico e filosófico constituído permite entender a importância destes instrumentos explicativos para entendimento da realidade, sem, contudo, se aproximar ou situar no movimento da história.

INTRODUÇÃO

Diante dos fatos relatados acima gostaríamos de parabenizar aos meus pares da academia; pesquisadores, professores e estudiosos do fenômeno turístico pelo comportamento de tolerância, que tem caracterizado os embates científicos sobre a construção epistemológica de uma ciência do turismo. As discussões que vem surgindo no interior das faculdades, universidades e centros de pesquisas ainda são expressas de forma tímida e corporativa, mas, já trazem a tona a existência de diferentes posturas epistemológicas, ocasionando importantes debates científicos dentro da academia.

O desenvolvimento de discussões, em torno de uma epistemologia do turismo é possível, desde que, a mesma facilite a construção de um arcabouço teórico sólido, na qual, todos se **tolerarem** nos debates em si e para si. Escrevendo e respondendo para os outros, trabalhos de cunho científico, que expressem posições teórico/filosófico diferentes alimentando um processo de construção de um saber científico universal.

Discutir de forma civilizada as diferenças, os limites, e os avanços, entre os métodos epistemológicos no campo científico do fenômeno turístico. É entender que o saber científico individual e diferente não pode ser entendido como mera oposição ou afrontamento, mas sim, como riqueza e amadurecimento acadêmico, para o conhecimento do ser humano. Preservar a diversidade dos saberes, bem como, usar

epistemologias diferentes para o estudo do fenômeno turístico, não se torna nenhuma imprecisão, mas sim, o uso da racionalidade humana para o conhecimento da realidade, sem, contudo, deixar de optar por um deles para garantir a existência do debate.

Portanto, partimos do pressuposto de que, o estudo do fenômeno turístico quando delimitado por processos e instrumentais científicos de forma sistemática perante os diferentes enfoques teóricos, pode ser um elemento forte para o desenvolvimento de uma ciência do turismo. Isso reforça seu aporte teórico/filosófico perante as outras áreas do conhecimento humano, com isso, o se **tornar ciência** depende de como a racionalidade dos homens, e como os interesses econômicos tratam os desafios para conhecer realidade.

O desenvolvimento das Ciências Sociais traz avanços no campo da racionalidade, permitindo que o conhecimento humano galgue saltos de refinamento do conhecer científico. Para isso, a contribuição de seu arcabouço terminológico permitiu descrever, com maior precisão, os conceitos científicos, e estes, por sua vez, refletem a essência dos fatos e fenômenos sociais.

Nesse caso os três pensadores; Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx, sustentam os fundamentos para o pensamento da racionalidade científica e constituem o método de interpretação funcionalista, estruturalista e marxista, respectivamente, procurando entender como cada qual contribuiu para a leitura epistemológica do fenômeno turístico.

CLÁSSICOS DA SOCIOLOGIA E A CIÊNCIA DO TURISMO

Em primeiro lugar, devemos esclarecer o que entendemos por turismo. Esta é uma atividade que surgiu com o desenvolvimento da humanidade, atrelado ao conjunto das necessidades básicas, que vão se cristalizando em conjunto com a evolução das relações de produção. Seu aparecimento é sinalizado pela necessidade básica de movimento que cada sociedade, segundo seus preceitos culturais e históricos, processa por meio da sociabilidade.

Inicia como uma necessidade básica e vai transformando-se historicamente; adquire inúmeras variações conceituais, mas sempre mantendo sua espinha dorsal de significação, passando por tempo liberado, tempo de não-trabalho, tempo livre, ócio,

lazer e, na forma contemporânea, como atividade turística. Configurando-se como mercadoria cujo valor de uso e de troca permite a maximização no processo acumulação de capital.

Com o entendimento acima, torna-se questionável as afirmações³ de que o turismo começou com o capitalismo ou iniciou com Thomas Cook. A crítica a esses pressupostos, aceita como corretos, traz novas questões e leva à discussão a nível das questões epistemológicas.

Em segundo lugar, o fenômeno turístico já apresenta um conjunto de interpretações científicas sobre seu objeto de apreciável referência acadêmica, produzida nos grandes centros de investigação, o que permite distinguir diferentes abordagens teóricas que pressionam o embate entre elas, fazendo do turismo elemento plenamente discutível no interior das outras ciências.

Portanto, partimos do pressuposto de que qualquer objeto que for delimitado por processos e instrumentais científicos para ser estudado de forma sistemática perante diferentes enfoques teóricos. Reforça seu aporte como ciência em si e perante as outras áreas do conhecimento humano, com isso, o se **tornar ciência** depende de como a racionalidade dos homens e os interesses econômicos tratam os desafios para conhecer realidade.

O desenvolvimento das Ciências Sociais traz avanços no campo da racionalidade, permitindo que o conhecimento humano galgue saltos de refinamento do conhecer científico. Para isso, a contribuição de seu arcabouço terminológico permitiu descrever, com maior precisão, os conceitos científicos, e estes, por sua vez, refletem a essência dos fatos e fenômenos sociais.

DEFESA DA PLURALIDADE EPISTEMOLÓGICA

³ Sugiro que o leitor consulte o livro **Ontologia do turismo: estudo de suas causas primeiras**, em que faço a discussão dessas questões de forma profunda e apresento outro entendimento do fenômeno turístico.

O professor Florestan Fernandes em sua imensa produção intelectual sempre defendeu e atuou como um intelectual militante, sem perder ou misturar papéis, pois soube preservar o trabalho científico e usá-lo para defender uma *práxis* transformadora. Como pesquisador de renome internacional no campo das Ciências Sociais trouxe uma contribuição teórica e atuação inovadora como pensador da realidade latino-americana, com autoridade acadêmica reconhecida internacionalmente, faz o seguinte comentário sobre a convivência de diferentes epistemologias:

Somos carentes desse diálogo entre gerações e entre membros de uma mesma geração. O intelectual brasileiro é uma espécie de esquerdista invertido. O esquerdista gosta de combater o companheiro. O intelectual gosta de ignorar o companheiro de armas. Essa ultrajante condição em que cada um é uma ilha e fala sozinho é algo angustiante, que só serve para converter o intelectual num elemento que depende da sua profissão e de sua realização como elo no complexo de dominação cultural. Ele interessa como parte desse elo. Satisfeita a dominação cultural, ele não existe como pessoa e, principalmente, não tem importância como intelectual. Os colegas se ignoram; às vezes se dizem bom-dia e boa-tarde, outras vezes nem isso. Não convivem entre si e quando há convívio, esse convívio não passa pelas idéias, passa ou pelas fofoquinhas ou, então, por reuniões alegres, festivas, que servem como elemento de compensação psicológica. Em consequência, temos uma carência muito grande da crítica dos colegas, de críticas que podem ser produtivas. (FERNANDES, 1987: 311)

Florestan com essa fala tenta sinalizar a perseguição “oculta” que sofrem àqueles que ousam fazer leituras diferentes das consagradas. Nesse caso, ele se refere ao marxismo como instrumento de entendimento da realidade, que ao mesmo tempo em que desvenda o real, mostra suas contradições e propõe sua superação. Essa leitura quando aplicada ao entendimento do fenômeno turístico, desenvolve o mesmo processo colocando o Materialismo Histórico e Dialético como um método também capaz de auxiliar a análise da realidade.

O importante é conhecer cada um dos métodos existentes, que explicam a realidade, para isso, devemos lembrar que a opção metodológica escolhida, seja ela qual for, não impede a utilização de diferentes arcabouços epistêmicos em um estudo científico, com a devida parcimônia e cuidados explicativos de quem o utiliza.

Tal procedimento metodológico é comum nos escritos do professor Florestan Fernandes, pois, o ecletismo teórico enriquece seus estudos, e o consagra como um dos

intelectuais brasileiro mais conhecido no exterior no campo da sociologia. Em um texto sobre a contribuição teórica de Florestan para as ciências sociais, o sociólogo e pesquisador Gabriel Cohn confirma nossa observação:

Essa disposição para articular modalidades diversas de acesso à realidade social, para mobilizar formulação metodológica e esquemas teóricos diversos no interior da mesma pesquisa, é uma maneira de dar conta dessa tensão entre a inserção prática angustiada, tensa – (sic) e, por que não dizer, em muitos momentos contraditória no seu mundo – e as exigências da consistência interna, do acabamento, da integridade da obra. Eu tenho a impressão de que no caso de Florestan isso se realiza com muito êxito. Ele consegue de fato dar conta de diversas formas de acesso ao seu objeto e produzir análises inteiramente consistentes internamente. (COHN, 1987: 53)

O desenvolvimento da ciência depende, não só do uso de epistemologias diferentes, mas também, em saber usá-las de forma crítica e inteligente, como fazia o cientista social Florestan Fernandes. Demonstrando que qualquer fenômeno, e entendo principalmente o turístico, não pode ficar restrito ao monopólio explicativo de uma única linha epistemológica, mas, sim, com os cuidados necessários por parte do investigador, podem-se produzir estudos baseados em diferentes conceitos que aderem à explicação do objeto, sem, contudo, minar a vertente teórica escolhida em sua base originária.

A arte de recorrer, nas análises científicas, a diferentes epistemologias requer do pesquisador um domínio compreensivo das mesmas, bem como, conhecimento das diferenças entre elas, e saber quando, e onde utilizá-los, pois aí reside a capacidade criativa do investigar. Por isso, a ciência é uma arte revolucionária como assim se expressou Marx, diferentes conceitos podem ser utilizados, desde que devidamente justificados e detectados seus limites dentro do corpo do trabalho.

Diante essas explicações iniciais partimos para “pressupostos”, que devem ser discutidos entre os estudiosos do turismo nos seus congressos, simpósios e semanas, em que a civilidade acadêmica deve garantir o embate entre epistemologias contrárias, pois, o discutir as diferenças garante o desenvolvimento do saber, e solidifica o turismo como ciência.

SURGIMENTO DO FENÔMENO TURÍSTICO INICIA-SE COM O CAPITALISMO

O primeiro pressuposto que aparece na grande maioria dos livros de turismo, é aquele consagrado que afirma; “o fenômeno do turismo inicia-se com o capitalismo” de forte influência intelectual européia e norte-americana. Na qual o intelectual brasileiro se vê impossibilitado de fazer qualquer reflexão crítica.

Com certeza essa afirmação não se sustenta cientificamente, quando indagamos? Quando surgiu o capitalismo? Com o nascimento da luta de classes! Com o processo de assalariamento do servo! Qual o período histórico? O sistema capitalista ocorreu no mesmo período em todo planeta? Os habitantes nativos da América, antes da chegada dos exploradores espanhóis e portugueses não tinham atividades ou práticas que sinalizam para o turismo e para a hospitalidade?

Os processos históricos que formatam a atividade turística e da hospitalidade na América - Latina, são desconhecidos, pouco se investigou enquanto linha de pesquisa dentro dos centros de estudos. Pois, existe uma hegemonia histórica de raiz de submissão colonialista regendo as bases da historia Latino-Americana.

É cômodo para certos setores de a academia utilizar os pressupostos fornecidos pela historiografia européia ou norte-americana, em vez de estudar as raízes históricas desse fenômeno no continente latino-americano.

A relação de dominação de um país hegemônico sobre os demais, não se efetiva somente em nível material, mas simbólico também, como bem, explicou o sociólogo Octavio Ianni:

Em geral, as relações com os centros de ensino e pesquisa das nações dominantes provocaram a transferência de teorias interpretativas, metodologias de pesquisa e temas de investigação empírica. Nos três níveis, os cientistas sociais latino-americanos tenderam e ainda tendem a adotar, integral ou parcialmente, as sugestões e os “modelos” formulados nas obras, e nas pesquisas dos cientistas sociais europeus e norte-americanos. (IANNI, 1976: 44)

Esse processo de domínio no plano intelectual por parte dos grandes centros do saber sofisticada as formas de controle sobre os demais, fazendo o discurso de que a luta revolucionária não tem mais sentido, o que vale

É nas ideologias pós-modernas, cujo núcleo comum é a negação da luta de classes, como sujeito revolucionário que se encontra dissolvido nas individualidades de gênero. Que a perspectiva de mudança revolucionária perde seu papel e só consegue dar conta de, explicar o aparecimento do turismo como uma prática social após o aparecimento do capitalismo. Em que as massas adquirem capacidade de mobilização geográfica, pois, como uma mercadoria resultante de uma relação social mediada por coisas facilita imensamente o processo de alienação da mercadoria, vender o lúdico, fetiche e o irreal.

O APARECIMENTO DO TURISMO INICIA-SE COM AS GRANDES PEREGRINAÇÕES

Essa afirmação é mais complicada ainda, para a compreensão da realidade histórica do aparecimento do turismo. Pois, se analisarmos, as peregrinações as mesmas apresentam uma existência quem sabe antes do surgimento do capitalismo. O pior é que a maioria dos livros de turismo afirma que o mesmo começa com o capitalismo e logo em seguida afirma que começou com as peregrinações. Na verdade há uma confusão de compreensão teórica e histórica grave entre a maioria dos livros didáticos que trabalham com o fenômeno turístico.

DESCONHECIMENTO DA HISTORIA, ECONÔMICA, POLÍTICA E SOCIAL DA AMÉRICA – LATINA

Faz com que a história do turismo sofra o processo conhecido de incorporação da visão etnocêntrica sobre o seu surgimento. Os livros didáticos repetem de forma tão persistente e descolada de qualquer base crítica a história as façanhas de Thomas Cook e do Gran turismo. Duvidarmos de verdades absolutas principalmente aquelas que embarcam no mundo pela visão positivista, por isso há necessidade de buscarmos o entendimento dos fazeres da humanidade como resultado da ação dos homens, produto de sua práxis histórica e social, recolocando Thomas Cook em seu devido lugar na historiografia mundial.

Nesse caso, a história deve ser vista como possível de constantes questionamentos, por parte dos pesquisadores que necessitam exercer a prontidão histórica do novo:

A exigência de rigor científico, indispensável para proteger-se de mitos e fabulações, deve visar a “liberá-los” de tudo aquilo que os deforma e oculta: tornam-se mais precisos os conhecimentos, dá-se a eles uma substância sempre mais rica e objetiva. Tudo isso, longe de reclamar qualquer “objetividade” da parte do historiador, só pode se realizar através das exigências da luta política. É preciso denunciar em suas raízes políticas as interpretações errôneas e as lacunas voluntárias: elas estão ligadas a práticas de opressão e alienação em benefício do poder e das classes dirigentes. (CHESNEAUX, 1995: 67)

Cabe a nós estudiosos e pesquisadores do fenômeno turístico ousar a questionar as visões positivistas de base linear, subvertendo a lógica da historiografia fenomenológica existente, buscando recontar a verdadeira história do turismo. E de Thomas Cook que aparece como preso a uma literatura funcional e sempre descritiva com transcrições parecidas das existentes em toda literatura de língua portuguesa sobre turismo.

Os esforços são imensos, pois há setores da academia com dificuldades de fazer questionamentos substanciais às bases históricas existentes do fenômeno turístico, sugerindo que impera um sentimento conformista de um relativismo universalista em que a hegemonia do discurso busca resguardar a essencialidade positivista.

A historiografia inglesa, quando há interesse sinaliza a criação de um herói, mesmo que esse personagem tenha sido historicamente, objeto de chacota, desconfiança, preconceito, concorrência ou ameaça às facções no interior da classe dominante e das próprias empresas transportadoras em determinado período da história. Além do que, o papel desempenhado por esse personagem, parece ter sido diminuído por sua atitude de querer popularizar o lazer para as classes de menor renda, pois essa era uma atividade exclusiva das classes abastadas.

Posteriormente recuperado pelo Estado inglês por interesses estratégicos da ideologia imperialista capitalista, nesse ponto nós parece que a contribuição do geógrafo e historiador Ycarim Melgaço Barbosa, aponta para essas questões:

Para Cook, o trem permitiria a realização de viagens para milhares de pessoas, acrescentando ainda que fosse uma forma de influenciar a convivência de diferentes tipos de classes sociais, pois podia transportar todo tipo de gente. Cook talvez tivesse sido o único a defender vantagens para a classe trabalhadora.

[...]

As viagens massificadas de Cook começaram a perder sua autenticidade, com grupos numerosos de pessoas – os turistas – visitando sempre os mesmos lugares, aglomerando-se por onde passavam, sendo muitas vezes alvo de críticas por parte das populações autóctones. Um cônsul britânico na Itália publicou um artigo na *Blackwood Magazine*, em 1865, no qual atacava virulentamente o turismo de grupo: *Esse mal novo e crescente que consiste em conduzir 40 ou 50 pessoas, sem distinção de idade ou de sexo, de Londres a Nápoles ida e volta por empreitada* (Urbain, 1993: 33) ⁴

È evidente que a idéia de Estados hegemônicos seja uma realidade muito bem estudada pela “Ciência Política” e pode ser percebida na determinação do poder material e simbólico que as relações de produção mais desenvolvidas estão assentadas. Mantendo sobre as nações menos desenvolvidas um processo de subordinação, na qual surge a pressão concreta, de uma classe sobre a outra, para impor sua ideologia dominante como padrão do pensamento para a humanidade.

DESENVOLVER UMA HISTORIOGRAFIA DO TURISMO LATINO-AMERICANA

O importante é demonstrar que o turismo segundo o desenvolvimento das relações de produção vai sendo sinalizado de formas diferentes, porém associativas no decorrer do processo histórico, como fato para um argumento poderoso podemos citar o livro “Popol Vuh” do povo Maya-quiché da Guatemala encontrado pelo Frei dominicano Francisco Ximénez em 1701. O Popol Vuh foi escrito entre 1545 a 1555 segundo o historiador Paulo Suess que organizou o livro *A Conquista Espiritual da América Espanhola* afirma que. ”POPOL VUH, cujo autor é desconhecido, já leva em conta os estragos da conquista” (Suess: 1992. p. 36).

⁴ BARBOSA, Ycarim Melgaço. História das viagens e do turismo. São Paulo: Aleph, 2002. P.55.

Apesar de o livro mencionar as alegrias e o modo de vida Quiché mostra também o contato como os espanhóis, quando em um discurso de lamentação afirma:

Así hablaban los reyes mientras ayunaban. Y los pueblos grandes y pequeños les llevaban piedras preciosas, metales, la miel más dulce, pulseras, esmeraldas y plumas azules. Hubo muchas generaciones de hombres y reyes antes de que vinieran los españoles a nuestra tierra [...]. (PROGRAMA EDUCATIVO SOBRE CULTURA DEMOCRÁTICA Y DERECHOS HUMANOS. Ministério de Gobernacion. **Popol Vuh**. Administración Serrano Elias. Org. Franco Sandoval. 2. edição s/d, p. 113)

Esta obra por sua riqueza histórica, apesar de já expressar traços marcantes da dominação espanhola, apresenta um lado magnífico da sociedade Maya - quiché plenamente estratificada voltada para a prática do lazer / cerimonial e do esporte. Perante a história da humanidade o Popol Voh é um dos tesouros mais valiosos que foi salvo dos Autos de Fé que os espanhóis fizeram contra as chamadas idolatrias da civilização Maya. A queima de bibliotecas e de objetos sagrados foi imensa e decorrente dos processos inquisitoriais que os acusavam de *coisas pertencentes ao diabo*.

O testemunho que esse livro representa para o resgate da história Quiche abre caminhos pra entender os povos pré-colombianos de centro América, em que aparece uma civilização onde o gosto pelo rito, atos cerimoniais religiosos e mágicos começa pelo nascimento do ser, passa pela adolescência prepara a iniciação sexual, a união conjugal e a própria morte. Todas as relações sociais, portanto passam por um processo de leitura de um real montado por atividades lúdicas e de um lazer que vão sinalizar uma forma específica de turismo naquele período histórico.

Em uma das muitas passagens do livro Popol Voh fica explícito que a sociedade Maya cultua de forma intensa a integração do homem com a natureza no sentido da vida e da morte, desenvolvendo uma harmonia com os animais, no divertimento lúdico, ritual e na prática do deslocamento (viagens) por isso o império Maya se expandiu pelo continente. É esse ponto que queremos mostrar a sensibilidade de uma nação em que a sua existência funde-se num sincretismo natureza, homem e animal:

Como sentían que el final de sus días estaba próximo, **Balam-Quitze**, **Balam-Acab** y **Mahucutah** empezaron a despedirse de sus hijos. **Iqui-**

balam no tuvo ningún hijo. Cantaron el **Camucú**, un canto de mucha triteza,

porque tristeza sentían en sus corazones cuando se despidieron de sus hijos en la cima del cerro **Hacavitz**.

- Hijos, nosotros nos vamos y no volveremos; ya se acaban nuestros días, ya hemos cumplido nuestra misión; cuiden sus casas y su pueblo; planten la tierra y recuerden el lugar del que hemos venido. En memoria de nosotros les dejamos este presente. Así les dijeron mientras les entregaban un envoltorio cerrado y cosido. No supieron qué contenía adentro porque nunca abrieron el envoltorio; solamente lo guardaron con mucho cuidado.

Y simplemente desaparecieron nuestros padres y abuelos. No estaban enfermos; no sentían dolor ni agonía. Como sólo desaparecieron, no fueron enterrados por sus mujeres y sus hijos; sólo quemaron copal ante el envoltorio. Así fue el fin de **Balam-Quitze**, **Balam- Acab**, **Mahucutah** e **Iqui- Balam**, nuestros primeros padres.

Los hijos no olvidaron los sabios consejos de sus padres. Decidieron un día ir a visitar en el oriente el lugar de dónde habían venido. Tres fueron los que hicieron el viaje: **Cocaib**, **Coacutec** y **Coajau**. Se pusieron en camino; pero antes se despidieron de sus hermanos y parientes:

- Volveremos; no moriremos.
Seguramente pasaron sobre el mar antes de llegar donde el señor **Nacxit**, monarca del oriente. **Nacxit** los recibió y les dio las insignias del poder y de la majestad. De allá vienen las insignias del **Ahpop** Y del **Ahpop- Camhá**. Les entregaron polvos de diferentes colores, perfumes, flautas, la señal del tigre, del venado, del pájaro, el caracol, plumas de diferentes colores. Todo vino de **Tulán**, del oriente. (PROGRAMA EDUCATIVO SOBRE CULTURA DEMOCRÁTICA Y DERECHOS HUMANOS. Ministério de Gobernacion. **Popol Vuh**. Administración Serrano Elias. Org. Franco Sandoval. 2. Edición s/d. P.106-7).

Esta referência contida no interior do livro dos Maya demonstra uma sociedade em que o culto aos deuses é o motor de sua história, segundo o escritor colombiano César Valencia Solanilla em um texto na internet comenta:

Los mayas, al igual que los aztecas, tenían un gusto particular por los ritos y las ceremonias, las fiestas, los carnavales y todas estas formas ceremoniales colectivas en que se combinaban la danza, la música y el canto. Periódicamente se representaban piezas de índole religiosa, épica, histórica y burlesca, que sirvieron para mantener viva la memoria cultural de su pasado. La mayoría de estas obras tenían carácter didáctico, pero fueron duramente perseguidas por los españoles, que veían en estas formas artísticas la expresión de la idolatría y la resistencia al poder de la corona. Al parecer existieron muchas pequeñas obras dramáticas, vinculadas con la celebración de las cosechas y la agricultura, como el llamado *Festival de los Elotes*, que es un canto a la tierra para solicitarle sus favores, o los festivales de

celebración del maíz. (VALENCIA SOLANILLA, 2000:)
5

COMPREENSÃO DOS MÉTODOS SOCIOLÓGICOS PARA APREENSÃO DA SOCIEDADE

Em primeiro lugar devemos esclarecer o que entendemos por turismo, esta é uma atividade que surgiu com o desenvolvimento da humanidade atrelado ao conjunto das necessidades básicas, que vão cristalizando-se em conjunto com a evolução das relações de produção. Seu aparecimento é sinalizado pela necessidade básica de movimento que cada sociedade segundo seus preceitos culturais e históricos processam por meio da sociabilidade.

Inicia como uma necessidade básica e vai se transformando historicamente e adquire inúmeras variações conceituais, mas sempre mantendo sua espinha dorsal de significação, passando por tempo liberado; tempo de não trabalho; tempo livre; ócio; lazer e na forma contemporânea como atividade turística. Configurando-se como uma mercadoria em que o valor de uso e de troca permite a maximização no processo acumulação de capital.

Em segundo lugar, o fenômeno turístico já apresenta um conjunto de interpretações científicas sobre seu objeto de apreciável referencia acadêmica produzida nos grandes centros de investigação. O que permite distinguir diferentes abordagens teóricas que acabam pressionando o embate entre elas, fazendo do turismo um elemento plenamente discutível no interior das outras ciências.

Assim, partimos do pressuposto, que qualquer objeto que for delimitado por processos e instrumentais científico para ser estudado de forma sistemática perante diferentes enfoques teóricos. Reforça seu aporte como ciência em si e perante as outras áreas do conhecimento humano, com isso, o se **tornar ciência** depende de como a racionalidade dos homens e os interesses econômicos tratam os desafios para conhecer realidade.

⁵ VALENCIA SOLANILLA, César. Teatro precolombino: el ritual y la ceremonia. In revista de Ciencias Humanas: Colombia – Universidad Tecnológica de Pereira – UTP, 2000, n.17.
Hptt://www.upt.edu.co/~chumanas/revistas/revistas/rev17/valencia.html

O desenvolvimento das Ciências Sociais traz avanços no campo da racionalidade permitindo que o conhecimento humano galgue saltos de refinamento do conhecer científico. Para isso, a contribuição de seu arcabouço terminológico permitiu descrever com maior precisão os conceitos científicos e estes por sua vez refletem a essência dos fatos e fenômenos sociais.

Nesse caso, começamos pelos três pensadores mais conhecidos e que dão os fundamentos para o pensamento sociológico e constituem o método de interpretação funcionalista, estruturalista e marxista, respectivamente Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx. Procurando entender como cada qual contribuiu para a leitura e entendimento do fenômeno turístico.

TURISMO É UMA CIÊNCIA, COM ARCABOUÇO TEÓRICO PRÓPRIO

A capacidade que o ser humano tem de projetar em seu cérebro antecipadamente tudo que irá fazer lhe dá a característica de Homo sapiens, na busca de satisfazer suas necessidades, afastando-o de sua natureza biológica e aproximando-o cada vez mais da esfera social. Essa busca de reproduzir sua existência se explica pelo domínio que ele tem da ação teleológica que a razão humana desenvolve durante toda a sua existência.

É homem porque pensa, produzindo e reproduzindo sua forma de existência e conseguindo colocar a natureza a seu serviço, para benefício da humanidade, tornando assim o trabalho, elemento explicativo da vida humana. Esse processo vitaliza-se em um desenvolvimento que sempre buscou caminhos novos na ânsia de sinalizar o reino da liberdade; a isto chamamos de a eterna luta para subjugar a natureza a serviço do homem que vai se materializando pela ciência.

Sempre acompanhado da busca do novo para que a humanidade caminhe em direção à maior racionalidade do saber que ela possui, temos um processo a que denominamos de ciência, pois os homens estão sempre procurando suplantar seus conhecimentos. Podemos afirmar que o turismo, entendido com a complexidade definida anteriormente, pode ser visto como ciência pelos motivos expostos a seguir.

1. Busca a multidisciplinaridade no estudo do seu objeto e trabalha na construção de uma explicação capaz de resistir a procedimentos de prova reconhecidos, podendo sustentar-se, dando conta dos fatos da vida real, buscando apreender a racionalidade da realidade humana.
2. Esse objeto constitui uma formação econômico-social determinada, específica e particular, que possui determinações próprias, somente possíveis de serem explicadas na relação de sua multidisciplinaridade, pois o turismo é resultado do amálgama do lazer, do ócio, do tempo livre.
3. O fenômeno turístico se constitui em um fenômeno social e, portanto, passível de ser visto dentro das determinações econômicas, políticas, culturais e sociais, como totalidade concreta que está no plano das evidências e no uso da razão e pensamento sistemático já elaborado.
4. Nesse caso, a teoria se constitui em um instrumento para a leitura do real, que passa a ter uma importância singular para entendimento do fenômeno turístico, que pode ser explicado com o auxílio das várias ciências que buscam explicar essa realidade.

REFERÊNCIAS

CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tabula rasa do passado?** São Paulo: Ática, 1995

COHN Gabriel. O ecletismo bem temperado. In: **O saber militante (ensaio sobre Florestan Fernandes)**. (Org.) Maria Ângela D’Incao. Rio de Janeiro: Paz e Terra: UNESP, 1987.

FERNANDES, Florestan. O renascimento da universidade. In: **O saber militante (ensaio sobre Florestan Fernandes)**. (Org.) Maria Ângela D’Incao. Rio de Janeiro: Paz e Terra: UNESP, 1987.

..... **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

IANNI Octavio. **Sociologia da Sociologia Latino-Americana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

LUKÁCS, Georg. **As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem**. In: Revista Temas de Ciências Humanas. São Paulo: Ciências Humanas, nº 4, 1978.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, **A Ideologia Alemã I: Crítica da filosofia Alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus Diferentes profetas**. Portugal: Presença, 1976.

MARX K, ENGELS F. Discurso diante da sepultura de Marx. In: **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa-Omega, v.2, s.d.

OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do turismo: fetichismo e dependência**. Campinas: Alínea, 2005.

PROGRAMA EDUCATIVO SOBRE CULTURA DEMOCRÁTICA Y DERECHOS HUMANOS. Ministério de Gobernacion. **Popol Vuh**. Administración Serrano Elias. Org. Franco Sandoval. 2. edição s/d..

SANTOS FILHO, João dos. **Ontologia do Turismo: estudos de suas causas primeiras**. Caxias do Sul: Educus, 2005.

..... O Turismo em nossa latinidade: uma nova forma de colonização. In BAHN et al. **Turismo: enfoques teóricos e práticos**. São Paulo: Roca, 2003.

VALENCIA SOLANILLA, César. **Teatro precolombino: el ritual y la ceremonia**. In revista de Ciencias Humanas: Colombia – Universidad Tecnológica de Pereira – UTP, 2000, n.17.

[Hptt://www.upt.edu.co/~humanas/revistas/revistas/rev17/valencia.html](http://www.upt.edu.co/~humanas/revistas/revistas/rev17/valencia.html)